

Jul está otimista com ajuste

por Reginaldo Heller
do Rio

O programa de ajustamento da economia brasileira, conduzido pelo governo, está agora, efetivamente, em andamento. Essa é a opinião da economista Ana Maria Jul, chefe da Divisão Atlântico Sul do Fundo Monetário Internacional, que está chefiando a missão de acompanhamento da política econômica no Brasil desde o início desta semana.

Ela manifestou seu otimismo a todos os interlocutores com quem esteve ontem — acompanhada sempre de seu colega, o belga Henry Ghesquière —, convencida, mesmo, de que os primeiros resultados favoráveis (especialmente quanto à inflação) não tardarão a aparecer. Tanto assim que confidenciou a decisão do FMI de negociar, já em fevereiro próximo, as novas metas da política econômica a serem inseridas no memorando técnico para setembro do ano que vem.

"E como uma nova Carta de Intenção abrangendo os segundo e terceiro trimestres do ano que vem", revelou a este jornal uma das fontes com quem a economista do FMI esteve ontem.

SUBSÍDIOS

Ana Maria Jul mostrou-se também favorável à

imediata eliminação dos subsídios ao crédito para exportação. Para ela, este seria mais um poderoso instrumento de redução do déficit público, sem prejuízo da meta de superávit comercial, de US\$ 9 bilhões em 1984, o qual acredita perfeitamente factível. Segundo comentou, o aumento das exportações decorrerá basicamente da função "preço", como ocorre com a agricultura, sem com isso defender qualquer máximo ou mididesvalorização cambial. Ao contrário, ela foi informada pelas autoridades do governo de que estudos realizados pela Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB) indicavam uma defasagem cambial de apenas 5%, perfeitamente absorvível, na sua opinião, por uma aceleração de minidesvalorizações.

A economista do FMI esteve ontem pela manhã na Fundação Getúlio Vargas, onde discutiu com o chefe do Centro de Estudos Fiscais, Margareth Hansen, os critérios de contabilização da dívida interna. Esse, aliás, foi o tema que predominou em suas conversas com o economista Paulo Guedes, diretor do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc), e com os economistas José Júlio Senna, Roberto Castelo Branco e Cláudio Haddad, em almoço na sede do Ban-

co Boavista. A tarde, ela esteve na Cacex.

CRÍTICA

Ana Maria Jul criticou veladamente as teses defendendo uma moratória da dívida interna, alegando que tal medida apenas geraria dificuldades adicionais ao atual nível de credibilidade do governo e às necessidades de condução da política monetária. Todos os seus interlocutores foram unânimes em afirmar que na opinião da economista do FMI será impossível praticar a política monetária de combate à inflação se as taxas de juros continuarem baixas, até negativas. Defendeu a elevação dos juros nas operações de mercado aberto e a ênfase maior do controle da base monetária e dos meios de pagamento, em seu conceito de M1 (depósitos a vista nos bancos comerciais mais papel-moeda em circulação). Se, por um lado, evidenciava um autêntico alívio pelo desempenho da política de ajustamento pelo acordo feito com o FMI, Jul não escondia seu temor no caso de uma futura, e por ela considerada, improvável, frustração no combate à inflação. Isso, segundo declarou, apenas aumentaria os riscos de uma malsucedida nova rodada de negociações com a comunidade financeira internacional, em meados do ano que vem.